

O PROBLEMA DO POVOAMENTO DA AMÉRICA: UMA NOVA PROPOSTA EXPLICATIVA

PATRÍCIA PINHEIRO DE MELO¹

Existem diversas propostas explicativas para o problema do Povoamento do continente americano. Uma dessas propostas tem sustentado que todas as populações americanas migraram, do Velho para o Novo Mundo, pelo caminho terrestre de Bering sendo, todas elas, pertencentes à raça mongólica. Esta tese apoia-se nos achados de pontas de projétil com datações não anteriores a 12.000 anos BP – apresentando diferenças cronológicas de menos de 1.000 anos entre sítios localizados no Oregon, EUA, e na Patagônia, no extremo sul da América. Apoia-se, ainda, na idéia de que os grupos humanos, portadores de uma tecnologia de pontas, seguiram os animais de caça que migravam para este continente em busca de alimentos.

Outras rotas de migração foram propostas com base na observação do polimorfismo das populações, culturas e línguas existentes na América. Segundo essas propostas, o povoamento se deu ao longo de diferentes épocas e através de distintas rotas que incluem a travessia por Bering e as travessias transoceânicas, estas últimas propostas com base no estudo das correntes marítimas.

Dentre as rotas marítimas, as do Pacífico Norte, Médio e Sul apresentam-se como as vias de migração das populações asiáticas, considerando que a maioria das populações da Ásia oriental e da Oceania – incluindo melanésios, polinésios e australianos – alcançaram a América.

As rotas marítimas do Atlântico Norte, Central e Sul também foram

propostas. O Atlântico Norte foi, por excelência, segundo os proponentes das teses transoceânicas, a rota de migração das populações encontradas desde 20.000 anos BP na área correspondente à região da baía de Hudson, dos Grandes Lagos até as regiões costeiras do atual Estado americano do Maine.

Através das rotas do Atlântico Sul, procura-se explicar a presença de grupos étnicos claramente distintos dos grupos de raça mongólica. Os *Ôna*, que habitavam o sul da Patagônia há mais de 11.000 anos, assim como os *Fueguinos* da Terra do Fogo, apresentam características bio-culturais muito diversas daquelas das populações asiáticas. Estes grupos teriam alcançado o extremo sul do continente através do Atlântico sul.

As explicações propostas até o momento, têm explorado todas as alternativas possíveis de migração para este continente, seja por caminhos marítimos ou terrestres.

Uma dessas explicações tem sido colocada em posição de destaque em detrimento das outras. A explicação que propõe o caminho terrestre de Bering como a única via de migração, ficou popularizada como a *Teoria do Povoamento*. Esta proposta tem como suporte a estratégia político-econômica norte-americana, que mantém investimentos e incentivos à pesquisa arqueológica em toda a América, promovendo uma verdadeira *geo-política do povoamento* e direcionando as pesquisas financiadas. Indiferentes ao avanço das pesquisas e às novas descobertas no campo da arqueologia pré-histórica e de suas áreas afins, esta proposta se pretende concludente passando, desta forma, do campo da investigação científica ao campo do dogmatismo escolástico e da ideologia.

AS PESQUISAS RECENTES:

Durante as duas últimas décadas, as descobertas arqueológicas, vinculadas a pesquisas em outras áreas do conhecimento, permitem dispor de novos dados sobre o problema do povoamento da América.

A antiguidade da dispersão do gênero *Homo* pelo planeta, até regiões que só poderiam ter sido alcançadas por via marítima, é atestada pelos recentes achados do *Homo erectus*, que chegou à Ilha das Flores, na Indonésia, há pelo menos 900.000 anos.

O *Homo sapiens* moderno havia povoado a África há 120.000 anos BP, como atestam os achados físicos e culturais das regiões sudeste, nordeste e noroeste desse continente. Esta datação refere-se à dispersão da espécie e não à sua origem, motivo pelo qual os especialistas têm recuado para 200.000 anos o aparecimento do *Homo sapiens*.

O homem moderno também alcançou regiões somente acessíveis através da navegação. Como resultado natural de sua expansão, o *Homo sapiens* está presente também na Austrália, há pelo menos 70.000 anos BP.

Na América, as escavações de *Pendejo Cave*, no México (51.000 anos BP), *Pedra Furada*, no Brasil (48.000 anos BP) e *Monte Verde*, no Chile (33.000 anos BP), comprovam a antiguidade da dispersão do *Homo sapiens*.

A análise morfológica de um esqueleto encontrado em *Lapa Vermelha* – MG – BR, revelou sua semelhança com populações africanas e australianas. Essas populações de homens modernos derivam de uma mesma população ancestral africana. Os resultados obtidos com essa pesquisa confirmam a idéia de que a América foi povoada por outras raças, além da mongolóide.

NOVA PROPOSTA:

Neste trabalho, apresentamos uma nova proposta explicativa. Esta proposta está embasada sobre os novos conhecimentos disponíveis e sobre hipóteses já propostas anteriormente.

As explicações que embasam nossas hipóteses foram apresentadas em diversos momentos, sendo que a sua base de sustentação era insuficiente à época em que foram formuladas, porque não havia dados para sustentá-las.

O quadro atual das pesquisas fornece dados suficientes para apoiar a nossa proposta e para refutar a idéia de uma única via de acesso, que se apresenta como explicação final para o problema que tratamos.

A proposta que apresentamos pode ser expressa em três hipóteses, nos seguintes termos:

1.O povoamento da América ocorreu por acaso e por diversas vias.

1.1.As primeiras migrações ocorreram da África para a América através do Oceano Atlântico.

1.2.As migrações mais recentes ocorreram tanto por via marítima (atlântico e pacífico) quanto pelo caminho de Bering.

Os grupos de *Homo sapiens* que colonizaram os extremos noroeste, sul e sudeste da África, estavam adaptados à vida marítima e eram portadores de uma cultura, ligada à vida no mar, que remonta à espécie ancestral - o *Homo erectus*. Os restos bio-culturais, do *Homo sapiens*, encontrados nos sítios *Dar es-Soltan* (extremo noroeste africano), *Caverna Border* (extremo sudeste africano) e na desembocadura do rio *klasies* (extremo sul da África), testemunham a vida nas áreas costeiras e ribeirinhas.

Seja com toscas jangadas, seja com toras de madeira unidas por

amarração, conhecendo ou não a utilização da vela, a prática marítima pode ser associada aos primórdios da evolução cultural da humanidade. Os vestígios do *Homo sapiens* encontrados nas mais distantes e isoladas regiões como na Ilha das Flores, na Ilha de Páscoa e na Austrália, são provas da mobilidade do homem pré-histórico através dos oceanos, ainda que não intencionalmente.

Considerando que os habitantes das regiões próximas aos litorais atlântico e Índico da África vivessem, profusamente, da pesca e da coleta de recursos fluviais e marinhos, muitos dos grupos que exploravam essas regiões, tendo se afastado demasiadamente da costa, caíram certamente à deriva das correntes ou dos ventos do Atlântico alcançando, assim, a América.

As probabilidades do homem ter partido da África e ter chegado à América são patentes, considerando o trajeto das correntes marítimas e dos ventos, das atividades ligadas ao mar e das inúmeras possibilidades dos pescadores terem caído nas correntes e de terem sido arrastados por elas.

Excetuando a corrente das *Falklands*, que à época das glaciações precipitava-se até a costa sul do nordeste do Brasil, durante o Quaternário não houve mudança significativa no percurso das correntes marinhas.

As correntes do Atlântico Norte, representadas pelas correntes frias da *Groenlândia* e do *Labrador*, dirigem-se à costa norte dos atuais Estados Unidos passando pela corrente contrária e quente do *Golfo*.

As correntes do Meio Atlântico são as do *Golfo*, a *Norte-oriental* e das *Canárias*. A corrente do *Golfo* inicia-se no Golfo do México seguindo em direção nordeste e ali bifurcando-se em *Derivadas do Atlântico Norte*, que seguem no sentido norte e sudeste alcançando a Europa. A corrente do *Golfo* encontra a corrente quente das *Canárias* que parte da costa noroeste da África, na altura das Ilhas Canárias, e segue em direção à corrente *Norte-equatorial* que encontra a corrente do *Golfo*.

As correntes do Atlântico Sul dividem-se em corrente *Sul-equatorial*, corrente da *Guiné*, de *Benguela*, do *Brasil* e das *Flaklands*. A corrente do *Brasil* é resultante da bifurcação da corrente *Sul-equatorial*. Esta segue para o sul como corrente do *Brasil* encontrando a corrente das *Falklands*, e para noroeste em direção ao mar do Caribe, passando pelo nordeste e o norte do Brasil, indo encontrar a corrente do *Golfo*. A corrente da *Guiné* é resultante de uma corrente periódica formada no meio atlântico e que segue em direção à costa central da África, durante o período correspondente ao mês de julho.

A corrente fria das *Falklands* se origina no extremo sul do Atlântico, na região da *Passagem de Drake*. Esta corrente bifurca-se em direção ao sudeste da América do Sul e em direção às costas sudoeste e central da África, passando pela corrente da *Guiné*. A partir daí esta corrente dá continuidade à corrente

quente *sub-equatorial*. Assim, as correntes do Atlântico se encontram formando círculos permanentes que costeiam a América a África e a Europa.

A corrente *Equatorial* também nos interessa. Essa corrente, que se origina no oceano Índico, bifurca-se na costa de Madagascar ao norte, em direção ao mar da Arábia, e ao sudoeste em direção ao oceano Atlântico, passando pelo sudeste e extremo sul da África. A importância desta corrente é que ela permite que os grupos *sapiens* que ocuparam as regiões sudeste e sul da África tenham se deslocado por mar até alcançarem a corrente de *Benguela*.

As correntes de *Benguela*, *Guiné* e *Canárias* são suficientes para arrastar à deriva as embarcações primitivas dos primeiros navegadores do Atlântico até à costa das Américas Central e do Sul. Segundo os cálculos de Camille Vallex, especialista em oceanos, essas correntes podem arrastar uma embarcação por 1.500 milhas, durante cem ou sessenta dias dependendo da variação periódica da velocidade dessas correntes. As experiências práticas dessa pesquisa foram desenvolvidas pela equipe de Vallex, no oceano Atlântico. Dessas experiências a que nos interessa é a de Serra Leoa - Natal, realizada na década de 50. Descendo de Serra Leoa, na África, pela corrente da *Guiné* até alcançar a corrente de *Benguela* e a do *Brasil*, chegou à costa de Natal - BR utilizando uma pequena embarcação de madeira com três marinheiros. O barco da pesquisadora seguiu a embarcação da experiência durante a maior parte do trajeto.

Diversos especialistas em oceanos têm estudado o fenômeno da navegação transoceânica casual, tanto no Atlântico quanto no Pacífico. Philip Curtin, estudando o problema do traslado de escravos para a América no século XIX, assim como estudos sobre os naufrágios e sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, demonstrou que destroços e sobreviventes foram encontrados em regiões onde iriam dar as correntes nas quais ocorreram os desastres. São comuns os casos de navegadores que por algum acidente se perdem à deriva das correntes e sobrevivem durante meses no mar. Como exemplo podemos citar o caso recente de cinco navegadores que se perderam nas correntes do Atlântico durante três meses, sendo que dois deles sobreviveram e chegaram à costa da Bahia na década de 90.

A observação da orientação dos ventos também é necessária ao problema em discussão, se considerarmos o conhecimento e o uso da vela à época das migrações. Os ventos provenientes da região das Canárias se dirigem precisamente ao nordeste do Brasil. A utilização da vela no período em que a orientação dos ventos - temporários - corresponde à orientação das correntes, favorece extraordinariamente o traslado África/América.

Quanto mais leve a embarcação mais o tempo é reduzido, passando de

100 para 60 dias, de acordo com as *expedições-experimento* de Santiago Genovés em 1969 e 1970. As experiências foram realizadas no meio Atlântico, com uma barca de papiro e homens sem nenhuma experiência marítima. Utilizaram-se as correntes das *Canárias* e *Norte-equatorial* no mês de maio. A primeira expedição, onde se utilizou uma barca construída por especialistas do Museu do Cairo, não foi concluída. Poucas milhas antes do porto de destino o barco foi abandonado. A segunda expedição - Marrocos com destino a Barbados - foi completada em 57 dias, onde se utilizou uma embarcação de papiro construída por índios aymará da Bolívia.

Sabemos que a maior parte da evolução física e cultural de todas as espécies humanas desenvolveu-se na África, continente que apresenta aproximadamente 98% de seu território inserido na faixa dos climas quentes.

O homem é, portanto, originário de uma zona de climas quentes sendo lógico que a sua mobilidade geográfica tenha sido, preferencialmente, as áreas similares ao seu habitat natural. As condições de sobrevivência nas áreas tropicais e equatoriais eram, sem dúvida, maiores quando o homem iniciou a sua expansão pelos territórios. Dessa forma, a zona de mobilidade considerada equivale à faixa do globo terrestre que inclui todas as porções de terras e oceanos que vão pouco mais além dos 23º do Trópico de Câncer e dos 23º do Trópico de Capricórnio. Essa faixa abrange a maior parte do continente africano, da Ásia meridional tropical, das Américas Central e do Sul, da Oceania e as zonas tropicais e equatoriais dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. É somente a partir de 100.000 anos que o homem moderno começa a ocupar áreas de climas mesotérmicos e, a partir de 40.000 anos começa a estender-se às regiões geladas.

Os primeiros migrantes americanos vieram, certamente, da África pelo oceano Atlântico. A distância do traslado pelo atlântico é menor e as condições são menos duras que a travessia por Bering. A viagem a pé do Velho para o Novo Mundo implica um tempo muito maior de traslado, devido à distância e à necessidade dos migrantes de reconhecer e explorar os novos ambientes.

Acredita-se que o *Homo sapiens* moderno iniciou sua expansão pelas latitudes árticas do nordeste da Ásia a partir de 40 ou 35 mil anos BP. Os dados mais antigos para a presença do homem moderno na Ásia aparecem em Malta (entre 25.000 e 13.000 anos BP) e em Chou-k'ou-tien (por volta de 35.000 anos BP). No Alasca não há datações anteriores a 18.000 anos para a presença humana.

Por outro lado, os dados crono-estratigráficos e culturais mais antigos disponíveis para a América encontram-se nas regiões Sul e central deste continente. As mais recentes investigações no campo da Antropologia Física e

da Lingüística demonstram a diversidade e a antigüidade das populações americanas. As análises morfológicas e de DNA mais recentes têm apontado diversas origens para o índio americano, incluindo o tipo negróide.

Considerando o tempo que a espécie humana passou na África, considerando a similaridade do clima das Américas Central e Sul e o da África, considerando ainda a diferença de distância e condições de traslado entre Bering e o Atlântico, podemos dizer que as primeiras levas de *Homo sapiens* que partiram da África, através do oceano Atlântico, chegaram à América por acaso. Podemos dizer ainda que, posteriormente, os grupos migraram por todos os lados, por terra e por mar. A tecnologia para navegar deve ser considerada secundária, visto que o conhecimento da navegação é empírico e observado em outros animais. Sem dúvida, o homem pré-histórico possuía uma grande capacidade adaptativa e de sobrevivência, seja no mar seja em regiões geladas, mas precisou de tempo para se adaptar e colonizar áreas estranhas ao seu meio natural.

Os vestígios dos primeiros colonizadores podem estar submersos, visto o considerável aumento do nível do mar que cobriu as antigas áreas costeiras da América. Mas alguns desses grupos podem ter se interiorizado e colonizado regiões não litorâneas.

Consideramos também que os primeiros grupos que migraram, estavam constituídos por homens e mulheres, porque não há impedimento algum para que as mulheres também navegassem. No campo da sobrevivência, não cabe a divisão de tarefas femininas ou masculinas, além do que, desde os primeiros tempos, as mulheres que ocupavam áreas costeiras deveriam ter como parte de suas atividades a coleta de moluscos e outros recursos marinhos.

Hoje, o homem moderno orgulha-se de sua potência tecnológica mas ignora o lento processo pelo qual passou para que pudesse alcançar esse nível de conhecimento. Culturalmente somos herdeiros das espécies ancestrais porque acumulamos os conhecimentos por elas adquiridos. O estudo da Pré-história nos faz debruçar com humildade sobre as evidências dessa herança mas há uma tendência à subestimar a capacidade criativa do homem pré-histórico. Fisicamente as mudanças foram lentas, o que restringiu relativamente a mobilidade do gênero *Homo*, mas isto não significa dizer que a capacidade inventiva do *Homo sapiens* arcaico e dos seus ancestrais mais próximos seja inferior à nossa. Os grupos que migravam não tinham o objetivo de alcançar qualquer lugar definido, porque não sabiam previamente da existência das terras que foram por eles colonizadas. Além disso, as condições climáticas eram mais duras para aqueles que estavam, a milhares de anos, adaptados a climas quentes, sendo necessário que ocorresse uma mudança física, uma adaptação

morfológica no organismo do *Homo sapiens*. Desenvolver tecnologia de adaptação a esses novos ambientes também era fator fundamental de sobrevivência. A travessia por Bering implicou, portanto, uma mudança adaptativa bio-cultural que levou tempo para se processar.

Sustentamos, então, que o Estreito de Bering representa apenas uma das vias de migração, a mais tardia, utilizada num tempo em que o homem, após um longo processo de reformulação adaptativa, chegou a colonizar regiões com temperaturas extremamente baixas. Todas as evidências demonstram que os grupos humanos que chegaram à América, através de Bering, não são anteriores a 18 mil anos e os grupos que atravessaram o Pacífico, já de posse de uma tecnologia neolítica, não ultrapassam os 5 mil anos.

¹ UFPE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Adauto; FERREIRA, L.F. 1996. *Paleoparasitologia e o Povoamento da América*. Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas, SRN, Pi – FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano
- CHAPMAN, Anna. 1960. *Los Ona*. Sandoval, B.A, Argentina.
- COHEN, Mark Nathan. 1984. *La Crisis Alimentaria de la Prehistoria*. Alianza Edt. Madrid
- COON, Carleton S. 1969. *Las Razas Humanas Actuales*. Guadarrama, Madrid.
- COPPENS, Y. 1985. *O Macaco, A África e o Homem*. Zahar Edt. RJ.
- CURTIN, Philip. 1975. *The Atlantic Slave trade: A census*. Madison, Wisconsin.
- DAVIDSON, D.S. 1937. *The Question of Relationship Between the Cultures of Australia and Tierra del Fuego*. American Antropologist, V. 39. Wiss.
- DORTA, E.M. 1971. *Viajes Accidentales a America*. Anuarios de Estudios Atlánticos, N.7.
- DILLEHAY, Tom D. 1997. *Monte Verde*.
_____, *The Battle of Monte Verde*: In THE SCIENCES
- EVANS, C., MEGGERS, B.J. & ESTRADA, E. 1959. *Cultura Valdivia*, Publicações do M.V.E. Estrada, N. 6, Guayaquil.
- FAGAN, Brian M. 1996. *The Paleo-Indians*.
- FIEDEL Stuart J. 1992. *Prehistory of The Americas*.
- FLINT, R.F. 1949. *Glacial Geology and the Pleistocene Epoch*. Willey and Sons. New

York

- FRANCH, Jose Alcina. 1976. *Las Culturas Prehistoricas de América*. In: Las Raices de América. Alhambra, Madrid.
- _____. 1956. *Las "Pintaderas" de Canarias y sus Posibles Relaciones*. Anuario de Estudios Atlânticos, V.2, Madrid.
- GENOVÉS, Santiago. 1972. *Una Balsa de Papyrus a Través del Atlântico*. IIH / UNAM, México.
- GENOVÉS, S. & BOSCH-GIMPERA. 1973. *Navegaciones Antiguas y Desviaciones de sus Rutas*. Barcelona.
- GIBBONS, Ann. 1997. *Le Premières Americaines Sont-elles Venues de Mongolie?*. In ANTHROPOLOGIE.
- GIMPERA, Perez Bosch. 1975. *La América Pre-Hispánica*, Ariel, Barcelona. 14
- GREENMANN, E.F. 1963. *The Upper Paleolithic and the New World*. Current Anthropology, V. 4, Chicago.
- GUIDON, Niède; PESSIS, Anne M. 1993. *Recent Discoveries on the Holocene Levels of Sítio do Meio Rock-Shelter*, Pi, Br, CLIO – Série Arqueológica, V. 1, n. 9, Recife, UFPE.
- _____. 1996. *Leviandade ou Falsidade? Uma resposta a Meltzer, Adovasio & Dillehay*. Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas, SRN, Pi – FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano.
- GUIDON, Niède. 1992. *As Ocupações Pré-Históricas do Brasil (Excetuando a Amazônia)*. In: Índios do Brasil. Carneiro da Cunha, Manuela (Org.) Brasiliense – SP.
- _____. 1980. *O Paleo-Índio no Piauí*. In: Anuário de Divulgação Científica – Temas de Arqueologia Brasileira, N. 5 – O Paleo-índio. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia.
- _____. 1972. *Reflexões sobre o Povoamento da América*. Dédalo, N. 23 – São Paulo.
- HRDLICKA, Ales. 1965. *A Gênese do Índio Americano*. Anais da Faculdade de Ciências do Porto, edição comemorativa, Portugal.
- IMBELLONI, J. 1951. *Las Tabletillas Parlantes de Pascua*. Runa. V.4, Buenos Aires.
- WATABE, H. 1968. *Subsistence and ecology of northern food gatherers with special reference to the Ainu*. P. Comp. Chicago.
- LAHR, M.M. 1996. *The Evolution of Modern Human Diversity. A study of cranial variation*. Cambridge Univ. Press.
- MACNEISH, Richard – 1996. *Provas Pré-Clovis de Pendejo e suas Implicações* – SRN, Pi – FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano.
- MARTINEZ DEL RIO, Pablo. 1952. *Los Origenes Americanos*. México, páginas do Século XX.
- _____. 1959. *Un Aspecto de la Historia de la Investigación: Florentino Ameghino como Adelantado de la Ciencia Prehistórica Suramericana*. Alianza Edt. Madrid.

- MEGGERS, Betty. 1978. *América Pré-Colombiana*. Paz e Terra, RJ.
- NEVES, W. et alli. 1998. *Lapa Vermelha IV Hominid 1: Morphological Affinities of the Earliest Known American*. Paper, Salt Lake City.
- PADILLA, S.B. 1959. *Gran Canaria y sus Obras Hidráulicas*. Las Palmas.
- PAPY, Louis. 1967. *Introduction Géographique à L'Histoire Maritime de L'Atlantique*. In: Anuário de Estudios Americanos – Comunicación al IX Coloquio Internacional de História Marítima dedicado a las Rutas del Atlántico, Sevilha.
- PARENTI, Fabio Parenti. 1996. *Problemática da Pré-história do Pleistoceno Superior no Nordeste do Brasil: o abrigo Pedra Furada em seu contexto regional*. Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas, SRN, Pi – FUMDHAMENTOS – Revista da Fundham.
- _____. 1993. *Le Gisement Quaternaire de la Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Brésil) dans le Contexte de la Préhistoire Américaine. Fouilles, stratigraphie, chronologie, évolution culturelle*. These de Doctorat présentée à l'Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.
- PEREZ-EMBED, Florentino. 1976. *El Conocimiento del Atlántico como Preparación del Descubrimiento de América*. In: Las Raíces de América. Alhambra, Madrid.
- PERICOT, L. & FRANCH, J.A. 1971. *Ier Simposio Internacional sobre Posibles Relaciones Transatlánticas Precolombinas*. Anuario de Estudios Atlánticos, N. 17, Madrid.
- RIVET, Paul. 1958. *As Origens do Homem Americano*. Anhambi, SP.
- ROOSEVELT, Anna. 1996. Discoveries in Amazon Cave Suggest Clovis Wasn't First: In MAMMOTH TRUMPET.
- SCHOBINGER, Juan. 1989. Prehistoria de sudamerica. Culturas Preceramicas. Madrid, Alianza Edt.
- STRINGER, C.B. 1990. *The Emergency of Moderns Humans*. Scientific American.
- TURNER, Christy G. 1992. *New World Origins: New Research from the Americas and the Soviet Union*. In ICE AGE TWINTERS OF THE ROCKIES.
- VALLAUX, Camille. 1959. *Geografía General de los Mares*. Barcelona.
- VIVANTE, Armando. 1967. *El Problema de los Negros Prehispanicos Americanos. Nota sobre los melanomodernos precolombianos*. Revista do Museu de la Plata. V6.